



COLÓQUIO

Letras

número 178 Setembro/Dezembro 2011



COLÓQUIO

Letras

COLÓQUIO

Letras

REVISTA QUADRIMESTRAL

EDIÇÃO E PROPRIEDADE



FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

DIRECTOR

Nuno Júdice

APOIO À DIRECÇÃO

Ana Marques Gastão

APOIO EDITORIAL

Maria Filipe Ramos Rosa

CONSELHO EDITORIAL

Eduardo Lourenço
(PRESIDENTE)

Ana Paula Tavares
(ANGOLA)

Carlos Mendes de Sousa
(UNIVERSIDADE DO MINHO)

Cleonice Berardinelli
(PUC - BRASIL)

Germano Almeida
(CABO VERDE)

Gilda Santos
(UFRJ - BRASIL)

Helder Macedo
(KING'S COLLEGE - LONDRES)

Ida Ferreira Alves
(UFF-BRASIL)

José Manuel da Costa Esteves
(UNIV. PARIS NANTERRE LA DÉFENSE)

Leyla Perrone Moisés
(USP-BRASIL)

Luís Bernardo Honwana
(MOÇAMBIQUE)

Maria Andresen de Sousa Tavares
(UNIVERSIDADE DE LISBOA)

Maria Helena da Rocha Pereira
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Maria João Reynaud
(UNIVERSIDADE DO PORTO)

Massaud Moisés
(USP-BRASIL)

Oswaldo Manuel Silvestre
(UNIVERSIDADE DE COIMBRA)

Número avulso

13 €

Assinatura anual (3 números)

36 € - Portugal

40 € - Especial*

55 € - União Europeia

65 € - Resto do Mundo

Os preços para Portugal incluem o IVA.

* Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe
e Timor-Leste

DIRECÇÃO, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Fundação Calouste Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Telef.: 21 782 35 67 - Fax 21 782 36 14
www.coloquio.gulbenkian.pt

ASSINATURAS

Sector de Vendas - Fundação Calouste
Gulbenkian
Avenida de Berna, 45 - 1067-001 LISBOA
Telef.: 21 782 32 33 - Fax 21 782 36 14
E-mail: vendas@gulbenkian.pt

DESIGN TVM Designers

CAPA TVM Designers/Luís Moreira
(montagem com obras de Pedro Calapez)

IMPRESSÃO Textype

DEPÓSITO LEGAL 44718/91

ISSN 0010-1451

SUMÁRIO

RUY BELO

- 09 Como quem num dia de Verão abre a porta de casa
Silvina Rodrigues Lopes
- 22 Ruy Belo: a habitação do mundo
Pedro Eiras
- 33 Tradição e vanguarda
Carlos Felipe Moisés
- 51 Ruy Belo e T. S. Eliot
Fernando J. B. Martinho
- 61 «ruy belo, era uma vez»
Diana Pimentel
- 72 Mulher única, inúmera mulher
Isabel Morujão
- 80 A insatisfação religiosa na poesia de Ruy Belo
Manuel António Ribeiro

DOCUMENTOS

- 113 Duas cartas inéditas de Ruy Belo

ARTIGOS

- 103 Contrabandos da cultura na escrita de Helder Macedo
Teresa Cerdeira
- 122 «O Mestre»: uma novela filosófica
Ana Marques Gastão
- 134 Francisco Tenreiro, um paradoxal mas sugestivo legado para São Tomé e Príncipe
Augusto Nascimento

POESIA

- 149 *João Rui de Sousa*
- 153 *Luísa Freire*

CRÓNICA

- 159 *Mário Cláudio*

NOTAS & COMENTÁRIOS

- 167 Francisco de Vasconcelos Coutinho:
um poeta madeirense por (re)descobrir
Cidália Dinis
- 172 M. S. Lourenço: os caminhos de um «desequilibrista»
Fernando J. B. Martinho

- 177 Do ensaio como literatura
António Carlos Cortez
- 183 Do texto enquanto corpo ao corpo enquanto texto
Mário Avelar

RECENSÕES CRÍTICAS

LITERATURA PORTUGUESA

EDIÇÃO CRÍTICA

- 195 *Sermões*, Padre António Vieira
ANABELA GALHARDO COUTO

ANTOLOGIAS E OBRAS REUNIDAS

- 198 *Poemas com Cinema*, Joana Matos Frias,
Luís Miguel Queirós e Rosa Maria Martelo (org.)
RICARDO MARQUES
- 201 *Antologia Poética*, Jorge de Sena
LUCIANA SALLES
- 203 *Desobediência*, Eduardo Pitta
PEDRO SENA-LINO
- 206 *Dobra. Poesia Reunida*, Adília Lopes
DIANA PIMENTEL

POESIA

- 208 *Um Teatro às escuras*, Pedro Tamen
PAULA MENDES COELHO
- 211 *Se as Coisas não Fossem o Que São*, Helder Moura Pereira
PAULA CRISTINA COSTA
- 212 *Erros Individuais*, José Miguel Silva
JOSÉ RICARDO NUNES

TRADUÇÃO

- 215 *Vida Nova*, Dante Alighieri
RITA MARNOTO
- 218 *Cem Poemas*, Emily Dickinson
HUGO PINTO SANTOS
- 221 *Poesia*, Umberto Saba
MANUEL G. SIMÕES

FICÇÃO

- 223 *A Cidade de Ulisses*, Teolinda Gersão
ROGÉRIO MIGUEL PUGA
- 226 *Camões. Este meu duro génio de vinganças*, Maria Vitalina Leal de Matos
MIGUEL REAL
- 229 *Do longe e do perto. Quase-Diário*, Yvette K. Centeno
ANA MARQUES GASTÃO
- 233 *A Cidade do Homem*, Amadeu Lopes Sabino
ÁLVARO MANUEL MACHADO
- 235 *As Memórias Secretas da Rainha D. Amélia*, Miguel Real
LUÍS NAVES
- 237 *Doutor Avalanche*, Rui Manuel Amaral
MIGUEL MARTINS

- 240 *A Fábrica da Noite*, Claudia Clemente
AGRIPINA CARRIÇO VIEIRA
DIÁRIO
- 242 *Um Arco Singular. Livro de Horas II*, Maria Gabriela Llansol
MARIA ESTHER MACIEL
TEATRO
- 244 *Teatro e Hedda*, José Maria Vieira Mendes
ELISABETE FRANÇA
ENSAIO
- 246 *'Kodakização' e Despolarização do Real*, Isabel Cristina Pinto Mateus
MARIA HELENA SANTANA
- 249 *O Corpo em Pessoa*, Anna M. Klobucka e Mark Sabine (ed.)
RITA PATRÍCIO
- 251 *Ler Régio*, Eugénio Lisboa
MÁRCIA SEABRA NEVES
- 254 *Jorge de Sena: 'Sinais de Fogo' como Romance de Formação*, Jorge Vaz de Carvalho
ORLANDO NUNES DE AMORIM
- 260 *A Militância Melancólica ou A Figura de Autor em José Gomes Ferreira*,
Carina Infante do Carmo
MANUEL FRIAS MARTINS
- 262 *As Flores do Inferno e Jardins Suspensos*, Maria Alzira Seixo
DALVA CALVÃO
- 265 *A Forma Informe. Leituras de Poesia*, Rosa Maria Martelo
RITA TABORDA DUARTE
- 268 *Excepção Atlântica*, Roberto Vecchi
HELENA CARVALHÃO BUESCU
- 269 *Portugal-Alemanha: Memórias e Imaginários*, Maria Manuela Gouveia Delille (org.)
TERESA CADETE
- 272 *Memórias Gestos Palavras. Textos Oferecidos a Teresa Rita Lopes*
JOSÉ MANUEL DE VASCONCELOS
VÁRIA
- 275 *Novas Cartas Portuguesas*, Maria Isabel Barreno,
Maria Teresa Horta, Maria Velho da Costa
TERESA ALMEIDA
- LITERATURA ANGOLANA
- FICÇÃO
- 278 *Janela de Sónia*, Manuel Rui
PIERRETTE E GÉRARD CHALENDAR
- LITERATURA BRASILEIRA
- FICÇÃO
- 281 *O Seminarista*, Rubem Fonseca
CLARA ROWLAND
ENSAIO
- 283 *Manoel de Oliveira: Uma Presença*, Renata Soares Junqueira (org.)
ADALBERTO MÜLLER

AGRADECIMENTOS: A Pedro Calapez pela autorização gentilmente concedida para reprodução das suas obras. À administração de The Wallace Collection, a Raul Lourenço e a Luis Manuel Gaspar.

jovem sem futuro, um triste que jamais arrisca, um actor envelhecido, um taxista sedentarizado pelos seus trajectos circulares ou um arrombador, cuja confissão talvez corresponda à mais funda intenção do autor ao publicar este livro: «Esta alegria me bastava — introduzir / desordem na composta segurança duma casa» (p. 51). Confronto, desordem — assim acontece sempre com a melhor poesia.

José Ricardo Nunes

TRADUÇÃO

Dante Alighieri VIDA NOVA

Tradução, introdução e notas
de Jorge Vaz de Carvalho
Lisboa, Relógio d'Água / 2010

O interesse dispensado, em Portugal, à *Vita nuova* de Dante Alighieri é bem ilustrado pelas traduções, parciais ou integrais, que do seu texto têm vindo a ser editadas desde meados do século XX. Jorge de Sena, Eri de Reali ou José Vitorino de Pina Martins foram tradutores de alguns dos seus poemas, ao que há a acrescentar, no caso de Pina Martins, a versão de excertos em prosa. Quanto a traduções integrais, a que agora é feita por Jorge Vaz de Carvalho é a terceira, depois da de Carlos Eduardo Soveral e da de Vasco Graça Moura. Aliás, a incidência da *Vita nuova* na literatura e na cultura portuguesas é vastíssima e o seu estudo só em parte está feito, estendendo-se ao longo de um percurso que vai do *Cancioneiro Geral* a Antero ou a Vergílio Ferreira.

A tradução de Eduardo Soveral saiu em 1954 (num volume que também continha *A Monarquia*, Lisboa, Guimarães Editores) e teve reedições até 1993. Confere ao texto de Dante a fluência do português

da actualidade. A de Vasco Graça Moura, que foi publicada em 1995 e reimpressa em 2001 (Venda Nova, Bertrand), valoriza a autonomia do texto de chegada enquanto resultado de um processo de criação, optando por aproximar Dante da linguagem literária usada em Portugal no século XVI. Por sua vez, Jorge Vaz de Carvalho segue uma perspectiva muito voltada para o texto de partida e para as suas micro-estruturas, propondo-se encontrar equivalentes linguísticos no português da época em que a *Vita nuova* foi escrita, ou seja, o século XIII. Nesse sentido, esta terceira tradução integral da *Vita nuova* vem ocupar um espaço que não era recoberto por nenhuma das anteriores. Esta é, pois, uma tradução que, ao mesmo tempo que vem enriquecer o horizonte translactivo ítalo-português, mostra bem, se necessário fosse, o espectro desta obra escrita por Dante nos primórdios do seu percurso intelectual.

O texto é, formalmente, um prosímetro, que, como tal, tem ilustres precedentes no *De consolatione philosophiae*, de Boécio, ou na narração de vivências pessoais e nos comentários que por vezes acompanhavam poemas dos trovadores occitanos. Mas a *Vita nuova* oferece-se como história exemplar de um poeta que, ao enveredar pelos caminhos do chamado *dolce stil nuovo* (expressão usada por Dante na *Commedia* e que no século XIX foi retomada por De Sanctis para designar um grupo de poetas), modeliza essa experiência à luz de um simbolismo que lhe confere um valor exemplar universal.

Dante acompanhou todas as grandes tendências literárias do seu tempo, levando o aperfeiçoamento de cada uma delas até aos limites da sua configuração signíca, quando não além deles, para enveredar, sucessivamente, por uma nova direcção. A *Vita nuova* corresponde, pois, à mais alta expressão de um designado *stil nuovo* dan-

tesco. A sua originalidade decorre, em particular, da ênfatização dos elos que ligam amor a *gentilezza*. Como tal, é conferida à figura feminina uma centralidade que dela faz *miracolo* e fonte de *salute*, numa inovadora intensificação da rede de simbolismos. Do silêncio, brota a palavra da *lauda*, que é também anúncio da remissão dos pecados e da salvação que guia o homem do amor-*passio* até ao amor-*caritas*, em conformidade com a ideia de *speculum Christi*. A esse propósito, e no seio de um vasto manancial de fontes, merece especial relevo o pensamento victorino e franciscano.

O livro que agora se publica é formado por uma introdução onde se faz a contextualização histórico-literária da obra e se apresenta a tradução; pelo texto propriamente dito, em edição bilingue, o que permite a cada passo o confronto com o original; e por uma última secção de notas explicativas.

Existem duas edições críticas da *Vita nuova*. A primeira, que foi preparada por Michele Barbi, é um dos grandes monumentos da filologia italiana e dantesca (Florença, Bemporad, 1932, que revê a anterior edição de 1907). Serviu de matriz a numerosas edições, de entre as quais a de Domenico De Robertis, cuja veste linguística tende para a actualização (Milão, Mondadori/Ricciardi, 1995, acompanhada por comentário, mas precedida por várias edições que foram sendo elaboradas a partir de 1961). A segunda, de Guglielmo Gorni, que saiu mais recentemente, em 1996 (Turim, Einaudi, também comentada), leva a cabo uma revisão das grandes questões filológicas implicadas, da qual resulta não só uma nova proposta de título, *Vita nova*, e uma nova repartição por capítulos, como também, e fundamentalmente, um texto que visa recuperar a historicidade da língua de Dante. Todavia, não é esta a edição seguida por Jorge Vaz de Carvalho, apesar de a ter em linha de

conta de modo complementar, mas a de Domenico De Robertis.

Como afirma na introdução, o tradutor propõe-se «copiar o texto que o outro escreveria se usasse a minha língua de finais do século XIII, se acaso ela se lesse tão esplendorosamente» (p. 14), sem logo de seguida deixar de admitir, com toda a lucidez, que essa sua concepção se alimenta da «ilusão de transparência». À simbiose entre ambição e cautela inerente aos objectivos que o tradutor se propõe, corresponde um trabalho em filigrana, numa busca permanente e esforçada de equivalentes etimológicos, fonéticos, sintácticos ou rítmicos.

De entre as várias questões que o tradutor tem de enfrentar, merecem destaque, no que diz respeito ao verso, a opção de preservar as rimas e, no que diz respeito à prosa, uma complexidade que anda associada ao carácter fortemente inovador da escrita dantesca. O vocabulário dos passos em prosa é particularmente rico em latinismos, alguns deles revitalizados pelo próprio Dante. Iterações, polissíndetos e construções em paralelo aproximam o seu andamento da poesia, através de cadências de pendor acentuadamente bíblico.

Jorge Vaz de Carvalho opta, como se disse, por um tipo de tradução muito focada sobre as micro-estruturas textuais, e aí reside um grande mérito deste trabalho, a minuciosa atenção dispensada às particularidades linguísticas do original dantesco. O que, juntamente com as notas finais, dá ideia do esforço de informação e pesquisa que subjaz à letra do texto. A análise de algumas das soluções de pormenor adoptadas poderá mostrar muito bem como procede o tradutor.

Um dos aspectos que de modo mais evidente expõem o viés arcaico dos resultados é a sua organização sintáctica. O volteio de cada frase da *Vita nuova* é seguido de perto, através de um decalque tão transparen-

te quanto possível, que evita deslocções na posição dos elementos da frase. Desta feita, o leitor é guiado pelo universo de Dante através das circunvoluções descritas pelo seu próprio fraseado.

No plano lexical, é privilegiado o uso de vocábulos que se aproximam, etimologicamente, dos utilizados no original. Alguns deles são atestados pela literatura portuguesa do século XIII, outros ligam-se a étimos que, depois de terem permanecido em estado latente, emergiram em tempos mais recentes, por vezes até no Brasil. O particularismo da triagem leva à distinção da tradução de *core* ou *cor* pelo português *cor*, diferentemente de *cuore* ou *cuor*, traduzido por *coração*. *Core* ou *cor* e o português *cor* (ao que se poderia acrescentar o occitano *cor*) têm na sua origem o latim *cor*, *cordis*. São variantes de estilo mais elevado, atestadas pela literatura italiana desde os seus primórdios, e cujo uso se manteve associado, ao longo dos tempos e até hoje, à poesia. *Cuor* ou *cuore* é uma variante mais corrente, que o tradutor verte como *coração*, palavra cuja evolução passa pelo latim vulgar. Na *Vita nuova*, Dante usa *core* ou *cor* nas composições poéticas e *cuore* ou *cuor* nos passos em prosa. Note-se contudo que, no capítulo 24 da edição de De Robertis, que é a seguida (p. 82), a variante *cor* surge num passo em prosa («nel cor mio», ao passo que Gorni¹ opta por «nel cuor mio»). O tradutor português reconverte-a ao habitual paradigma dantesco, traduzindo a variante *cor* por *coração* (p. 83), numa operação normalizadora que faz da mediação translactiva um elemento dinamizador de sentido.

Efeito deste trabalho de minúcia, é uma fusão tão íntima com a letra do original que as semelhanças que se instauram no plano fonético implicam, por arrastamento, deslocções de ordem morfológica, lexical ou semântica. De facto, uma leitura em paralelo de original e tradução re-

vela coincidências não só de sonoridades como também de ritmos, cadências, acentos e pausas que podem ir muito além da perícia com que são respeitadas as estruturas métricas e rimáticas. Essa coincidência sonora pode implicar a deslocção de categorias morfológicas, como no soneto, «O voi che per la via d'Amor passate», cujos versos «Deo, per qual dignitate / così leggiadro questi lo core have?» (p. 28) resultam em português como «Por dignidades quais, / ó Deus, tem este o cor qual leda ave?» (p. 29). A forma verbal *have* do texto original passa a substantivo, o português *ave*. A sonoridade das duas palavras é semelhante, o que corrobora a manutenção do esquema rimático. É-lhe associado o jogo entre *leggiadro* e *leda*. *Have* é um sicilianismo que está por *ha*, terceira pessoa do singular do verbo *avere*².

Por sua vez, no capítulo 26 os últimos versos de «Tanto gentile e tanto onesta pare», soneto tópico da poesia da *lauda* ligado ao momento em que o poeta descobre que a sua felicidade reside nas palavras com que louva Beatriz, «e par che de la sua labbia si mova / un spirito soave pien d'amore, / che va dicendo a l'anima: Sospira» (p. 90), passam a «parece que dos lábios seus se mova / suave esprito pleno de amor, / que vai dizendo à alma: Tu, suspira» (p. 91). Apesar da assonância entre *labbia* e *lábios*, a menção aos lábios não é típica da poesia do *dolce stil nuovo*, nem do *stil nuovo* dantesco, que apresenta Beatriz como um absoluto que se dá a conhecer através de traços ou gestos essenciais. Na linguagem poética epocal, *labbia* significa 'vulto', 'face'³. É toda a figura de Beatriz a dimanar de si esse espírito de amor, numa envolvência que dela faz um anjo.

No mesmo capítulo 26, a tradução de «Questa non è femmina, anzi è uno de li bellissimi angeli del cielo» (p. 88) por «Esta não é fêmea, antes é um dos belísimos anjos do céu» (p. 89) transporta o

conceito de ser humano do género feminino (*femmina*)⁴ para animal do género feminino (*fêmea*), com recurso a sonoridades semelhantes. Trata-se de um outro momento fundamental da poesia da *lauda*, quando Beatriz passa pelas ruas da cidade e de imediato quantos a vêem se apercebem de que ela não é apenas uma mulher terrena, mas é dotada, cumulativamente, de características excepcionais que dela fazem uma mulher-anjo (ver também p. 57).

Com este livro, Jorge Vaz de Carvalho alarga e consolida uma experiência precedente de tradutor, onde se destaca a *Ciência Nova*, de Giambattista Vico, trabalho justamente premiado. Dela decorrem as reflexões que, nas páginas iniciais do volume em análise, dedica ao trabalho de tradução, e que ilustram com clareza os propósitos que o nortearam. Em seu entender, a tradução balanceia-se entre o respeito pelo original dantesco, a que atribui, assumidamente, um valor *sagrado*, e as necessidades do leitor, entre traduzir à letra e traduzir o sentido, na busca de um equilíbrio no qual deposita toda a sua confiança, sem vacilar. Desta feita, da forma como concebe a sobreposição entre ética e técnica resulta uma plataforma no seio da qual o tradutor se reconduz, humildemente, à função de mediador. Passar uma criatura preciosa de um lado para o outro — aí reside, para Jorge Vaz de Carvalho, a fidelidade do tradutor.

Rita Marnoto

NOTAS

- ¹ Dante Alighieri, *Vita nova*, ed. comentada por Guglielmo Gorni, Turim, Einaudi, 1996, p. 141.
- ² Cf. ed. De Robertis, p. 53, nota; ed. Gorni, p. 36, nota.
- ³ Cf. ed. De Robertis, p. 183, nota; ed. Gorni, p. 160, nota.
- ⁴ Cf. ed. De Robertis, p. 179, nota; ed. Gorni, p. 157, nota.

Emily Dickinson CEM POEMAS

Tradução, posfácio e organização
de Ana Luísa Amaral
Lisboa, Relógio d'Água / 2010

Cem Poemas, de Emily Dickinson, constituiu a mais alargada — e de mais proveitosos resultados — antologia da autora entre nós publicada. O labor de Ana Luísa Amaral prossegue o trilho de pioneiros como Jorge de Sena, na tradução, ou Mário Cesariny, na divulgação. Um desbravamento — o desses primeiros exploradores de terreno por cartografar — amplamente rastreado na inestimável rubrica «Emily Dickinson em Portugal», que permite um percurso exaustivo pela bibliografia activa e passiva da poeta. O volume a cargo de Ana Luísa Amaral pode, porém, reclamar um estatuto peculiar: tanto pelo número de poemas recolhidos, o rigor da exegese, como pela robustez do comentário erudito, mas destramente próximo do leitor. Especialista em Dickinson, a estudiosa e poeta faz seguir a sua antologia de um sólido posfácio, a que se junta uma biografia de Emily Dickinson profusamente escorada em informações retiradas de cartas e escritos memorialísticos da autora, e de consolidados elencos biográficos.

Os poemas de Emily Dickinson tematizam a própria poesia como género gostosamente imperfeito, inacabado, face à completude — mais definitiva mas menos imprevisível — da prosa: «Habito na Possibilidade — / Uma Casa mais bela do que a Prosa» (p. 63). Um modo que vive também do não dito, da disposição, do caminho para a finitude, passo dado até ao fim do verso, começo do vazio. A «arte pequena» de que falava Fiama Hasse Pais Brandão é essa que alimenta a máxima liberdade por via do mais contido registo. O acesso mais reservado e mais escondido: o seu, de resto — «Eu